



E L James
As Cinquenta Sombras de Grey

Fifty Shades of Grey

Traduzido do inglês por
Ana Álvares e Leonor Marques



TÍTULO ORIGINAL
FIFTY SHADES OF GREY

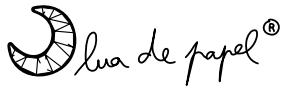
© 2011, Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou uma versão anterior desta história online, com personagens diferentes, com "Masters of the Universe", sob o pseudónimo Snowqueen's Icedragon.

1.ª edição / Julho de 2011

ISBN: 978-989-23-1995-7

Depósito Legal n.º: 344687/12



[Uma chancela do grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
luadepapel@leya.pt
editorialuadepapel.blogs.sapo.pt
www.luadepapel.pt

Para Niall,
o senhor do meu universo

AGRADECIMENTOS

Estou grata às seguintes pessoas pela sua ajuda e apoio:

Ao meu marido, Niall, obrigada por tolerares a minha obsessão, por seres um deus do lar e por fazeres a primeira revisão.

À minha chefe, Lisa, obrigada por me aturares durante o último ano, em que me dediquei a esta loucura.

A CCL, nunca o direi, mas obrigada.

Às minhas acérrimas fãs originais, obrigada pela vossa amizade e apoio constantes.

A SR, obrigada por todos os valiosos conselhos que deste desde o início e por dares o pontapé de saída.

À Sue Malone, obrigada por me dares uma direção.

À Amanda e a todas as pessoas da TWCF, obrigada por apostarem.

CAPÍTULO UM

Olhei descontente para a minha imagem no espelho. Bolas para o cabelo – não havia forma de ficar no sítio, e bolas para a Katherine Kavanagh por estar doente e me submeter àquele suplício. Eu devia estar a estudar para os meus exames finais, que eram já na semana seguinte, mas ali estava a tentar submeter o cabelo à escova. *Não posso dormir com ele molhado. Não posso dormir com ele molhado.* Recitando várias vezes este mantra, procurei, mais uma vez, controlá-lo com a escova. Revirei os olhos, exasperada, e pus-me a olhar para a rapariga pálida de cabelo castanho e olhos azuis desproporcionadamente grandes que olhava fixamente para mim, e desisti. A minha única opção era prender o meu cabelo rebelde num rabo-de-cavalo e esperar ter um aspeto minimamente apresentável.

Kate partilhava o apartamento comigo, e escolhera logo o dia de hoje para ficar com gripe. Portanto, não podia ir à entrevista que tinha conseguido marcar com um magnata, um megaindustrial de quem nunca ouvi falar, para o jornal académico. Por isso fui recrutada. Eu devia estar a matar-me a estudar para os exames finais. Tinha um trabalho para entregar e naquela tarde devia ir trabalhar, mas não – tinha de fazer 265 quilómetros até ao centro de Seattle para me encontrar com o enigmático diretor-geral da Grey Enterprises Holdings, Inc. Como empreendedor excecional que era, e destacado mecenas da nossa universidade, o seu tempo revelava-se extraordinariamente precioso – muito mais precioso do que o meu –, mas concedera uma entrevista à Kate. Um verdadeiro furo, disse-me ela. Bolas para as atividades extracurriculares dela.

Ela estava encolhida no sofá da sala.

– Ana, sinto muito. Levei nove meses a conseguir a entrevista. São precisos mais seis para marcar outra data, e aí já as duas terminámos a

faculdade. Sou a editora do jornal, não posso dar cabo disto. Por favor – implorou-me Kate, com aquela voz arranhada de quem tem a garganta dorida.

Como é que ela fazia aquilo? Até doente tinha aquele ar de *gamine*, deslumbrante, loira ruiva, cabelo bem penteado e olhos verdes e vivos, ainda que agora estivessem raiados de vermelho e lacrimejantes. Ignorei o meu impulso de simpatia não desejada.

– Claro que vou, Kate. Devias voltar para a cama. Queres um Cêgripe ou um Tylenol?

– Um Cêgripe, por favor. Estão aqui as perguntas e o meu gravador digital. Basta carregares aqui para gravar. Tira notas, eu transcrevo tudo.

– Não sei nada dele – murmurei, tentando sem sucesso suprimir o pânico que começava a aumentar.

– As perguntas orientam-te. Vai. Tens muito que conduzir. Não quero que chegues atrasada.

– OK, estou de saída. Volta para a cama. Fiz-te uma sopa para aqueceres mais logo.

Olhei carinhosamente para ela. *Só por ti, Kate, é que eu fazia isto.*

– Está bem. Boa sorte. E obrigada, Ana. Como de costume, salvaste-me a vida.

Com um sorriso amarelo, peguei na mochila e saí para o carro. Não conseguia acreditar que tinha deixado a Kate convencer-me a fazer isto. Mas, vendo bem, a Kate conseguia convencer qualquer pessoa a fazer o que quer que fosse. Ia dar uma jornalista excecional. Era comunicativa, forte, persuasiva, combativa, linda – e era a minha amiga mais querida.

As estradas estavam desimpedidas quando saí de Vancouver, Washington, na direção da Interestadual 5. Era cedo e só tinha de estar em Seattle às duas da tarde. Felizmente, a Kate emprestara-me o desportivo dela, o Mercedes CLK. Não me parece que a Wanda, o meu carocha super antigo, conseguisse fazer a viagem a tempo. Oh, o Mercedes era muito fixe de conduzir, e os quilómetros voavam quando metia o prego a fundo.

O meu destino era a sede da empresa global do Mr. Grey, um edifício de escritórios enorme, vinte andares de vidro e aço, todo em linhas

curvas, a fantasia utilitária de um arquiteto, com “Grey House” escrito discretamente a aço por cima das portas de vidro da entrada principal. Faltavam quinze minutos para as duas quando cheguei e entrei, muito aliviada por não estar atrasada, no enorme átrio – francamente intimidante – de vidro, aço e granito branco.

Atrás da secretária de granito maciço, uma mulher jovem, muito atraente, bem arranjada e loira, sorriu-me agradavelmente. Vestia o *blazer* e a camisa branca mais impecáveis que eu alguma vez vi. Tinha um ar imaculado.

– Vim para falar com Mr. Grey. Anastasia Steele, da parte de Katherine Kavanagh.

– Só um momento, Miss Steele. – Arqueou a sobancelha e eu fiquei ali de pé, constringida, à frente dela. Comecei a desejar ter pegado num dos *blazers* formais de Kate, em vez de ter vestido o meu blusão azul-marinho. Fiz o esforço de vestir a minha única saia, as minhas práticas botas castanhas até ao joelho e uma camisola azul. Tratando-se de mim, estava muito apresentável. Pus uma das madeixas de cabelo fugitivas atrás da orelha e fingi que ela não me intimidava.

– Estávamos à espera da Miss Kavanagh. Por favor assine aqui, Miss Steele. É o último elevador à sua direita, para o vigésimo andar. – Sorriu-me com simpatia, divertida, sem dúvida, enquanto eu assinava.

Entregou-me um cartão com a palavra “Visitante” bem visível. Não consegui evitar um meio-sorriso. De certeza que era óbvio que eu estava só de visita. Não me enquadrava nada ali. *Não era novidade*. Suspirei por dentro. Agradei-lhe e dirigi-me para a zona dos elevadores, passando pelos dois seguranças, ambos muito mais bem vestidos do que eu, com aqueles fatos pretos de bom corte.

O elevador levou-me em velocidade terminal até ao vigésimo andar. As portas abriram-se e encontrei-me noutra grande átrio – mais uma vez, todo de vidro, aço e granito branco. Deparei-me com outra secretária de granito e outra mulher loira e jovem, esta impecavelmente vestida de preto e branco, que se levantou para me cumprimentar.

– Miss Steele, pode aguardar aqui, por favor? – disse, indicando uma área com cadeiras de pele brancas.

Por trás das cadeiras de pele estava uma espaçosa sala de reuniões com paredes de vidro e uma mesa escura de madeira igualmente ampla com pelo menos vinte cadeiras a condizer à sua volta. Atrás dela, via-se uma janela que ia do chão até ao teto com uma vista do recorte urbano de Seattle que atravessava a cidade em direção ao Sound¹. Era uma visão deslumbrante e eu fiquei momentaneamente paralisada pela paisagem. Uau!

Sentei-me, pesquei as perguntas da mochila e revi-as, amaldiçoando baixinho a Kate por não me ter fornecido uma biografia breve. Não sabia nada sobre o homem que estava prestes a entrevistar. Podia ter noventa ou trinta anos. A incerteza era exasperante e o meu nervosismo reapareceu, deixando-me inquieta. Nunca me sentira confortável em entrevistas individuais, preferia o anonimato de uma discussão de grupo na qual podia sentar-me discretamente no fundo da sala. Para ser sincera, preferia a minha própria companhia, com um clássico inglês nas mãos, aninhada numa poltrona da biblioteca do *campus*. Não sentada a contorcer-me de nervos num edifício colossal de vidro e pedra.

Revirei os olhos, censurando-me a mim própria. *Controla-te, Steele*. A julgar pelo edifício, que era demasiado clínico e moderno, imaginei que Grey estivesse nos seus quarentas: em boa forma, bronzeado e loiro, para condizer com o resto do pessoal.

Outra loira elegante e impecavelmente vestida saiu de uma grande porta à direita. Mas que história é esta das loiras imaculadas? Parece Stepford². Respirei fundo e pus-me em pé.

– Miss Steele? – chamou a última loira.

– Sim – respondi com voz rouca e aclarei a garganta. – Sim.

Pronto, pareceu mais confiante.

– Mr. Grey recebe-a já de seguida. Posso ficar com o seu casaco?

– Sim, por favor.

Tirei-o com alguma dificuldade.

– Já lhe ofereceram alguma coisa para beber?

1. Puget Sound; em português, estuário de Puget. (N. da T.)

2. Cenário do livro *Mulheres Perfeitas*, de Ira Levin (1972), posteriormente adaptado ao cinema. (N. da T.)

– Há... não.

Ó céus! A Loira Número Um estaria metida em apuros?

A Loira Número Dois franziu as sobrancelhas e olhou para a jovem mulher que estava atrás da secretária.

– Deseja chá, café, água? – perguntou, voltando-se novamente para mim.

– Um copo de água, obrigada – murmurei.

– Olivia, por favor vai buscar um copo de água para a Miss Steele.

A voz era austera. A Olivia pôs-se logo a mexer e apressou-se a ir até uma porta do outro lado do *foyer*.

– As minhas desculpas, Miss Steele. A Olivia é a nova estagiária. Queira sentar-se. Mr. Grey demora mais cinco minutos.

A Olivia regressou com um copo de água com gelo.

– Aqui tem, Miss Steele.

– Obrigada.

A Loira Número Dois encaminhou-se para a secretária grande com o barulho dos tacões a ecoar no chão de granito. Sentou-se e ambas continuaram com o seu trabalho.

Talvez Mr. Grey insistisse que todas as empregadas fossem loiras. Perguntei-me distraidamente se seria legal quando a porta do escritório se abriu e saiu um homem de cor, alto e atraente, elegantemente vestido e com pequenas rastas. Definitivamente, eu tinha vestido a roupa errada.

Ele voltou-se para trás e disse lá para dentro: – Golfe esta semana, Grey?

Não ouvi a resposta. Ele virou-se, viu-me e sorriu, e apareceram-lhe umas ruguinhas nos cantos dos olhos. A Olivia levantou-se de um salto e chamou o elevador. Parecia ser muito boa a saltar da cadeira. Era mais nervosa do que eu!

– Tenham uma boa tarde, minhas senhoras – disse ele, entrando no elevador.

– Mr. Grey recebe-a agora, Miss Steele. Por favor entre – disse a Loira Número Dois.

Levantei-me algo trémula, tentando dominar os nervos. Peguei na mochila, abandonei o meu copo de água e dirigi-me para a porta parcialmente aberta.

– Não precisa de bater, basta entrar – disse ela com um sorriso prestável.

Empurrei a porta e entrei em desequilíbrio, depois de tropeçar nos meus próprios pés e de me atirar de cabeça para dentro do escritório.

Que figurinha! Eu e os meus dois pés esquerdos. Encontrava-me de quatro à entrada do escritório de Mr. Grey e senti umas mãos prestáveis à minha volta, a ajudarem-me a levantar. Estava tão envergonhada; bolas para a minha aselhice. Tive de me forçar a olhar para cima. Caramba. Ele era mesmo novo!

– Miss Kavanagh. – Estendeu-me uma mão de dedos compridos assim que me pus em pé. – Sou Christian Grey. Está bem? Quer sentar-se?

Tão novo; e atraente, muito atraente. Alto, vestido com um fato cinzento de bom corte, camisa branca e gravata preta, com cabelo escuro acobreado e olhos cinzentos intensos e vivos que me olhavam, incisivos. Demorei um bocadinho até conseguir falar.

– Pois. Na verdade... – balbuciei.

Se aquele tipo tinha mais de trinta, eu era a carochinha. Aturdida, estendi-lhe a mão e cumprimentámo-nos. Quando os nossos dedos se tocaram, fui percorrida por um peculiar arrepio de excitação. Constrangida, tirei apressadamente a mão. Devia ser eletricidade estática. Comecei a pestanejar, ao ritmo da minha frequência cardíaca.

– Miss Kavanagh está indisposta, e por isso enviou-me a mim. Espero que não se importe, Mr. Grey.

– E você é?

A voz dele era afável, possivelmente divertida, mas era difícil dizer, com aquela expressão impassível. Ele parecia minimamente interessado, mas mostrava-se, acima de tudo, educado.

– Anastasia Steele. Estudo literatura inglesa com a Kate, há... Miss Kavanagh, na WSU Vancouver.

– Estou a ver – comentou simplesmente.

Julguei ver a sombra de um sorriso na sua expressão, mas não tive a certeza.

– Quer sentar-se?

Indicou-me um sofá em L de pele branco.

O escritório dele era manifestamente grande para um homem só. À frente das enormes janelas estava uma secretária moderna de madeira escura, onde cabiam à vontade seis pessoas a comer. Combinava com a mesa de apoio que estava ao lado do sofá. Tudo o resto era branco – teto, chão e paredes, exceto a parede ao lado, onde se via um mosaico de pequenos quadros, trinta e seis dos quais dispostos num quadrado. Eram preciosos – uma série de objetos mundanos, irrelevantes, pintados com tanto pormenor e precisão que pareciam fotografias. Juntos, eram impressionantes.

– Um artista local. Trouton – disse Grey quando o nosso olhar se cruzou.

– São admiráveis. Fazem do comum, extraordinário – murmurei, aturdida tanto por ele como pelos quadros.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou-me intensamente.

– Não podia estar mais de acordo, Miss Steele – devolveu ele com uma voz suave, e por alguma razão inexplicável dei por mim a corar.

Para além dos quadros, o resto do escritório era frio, sóbrio e asséptico. Perguntei-me se refletiria a personalidade do Adónis que se deixava afundar graciosamente numa das poltronas brancas que tinha à minha frente. Abanei a cabeça, perturbada pela direção que os meus pensamentos tomavam e peguei na mochila para tirar as perguntas da Kate. A seguir, preparei o gravador digital e parecia que tinha mãos de manteiga; deixei-o cair duas vezes na mesinha à minha frente. Mr. Grey não disse nada, aguardando pacientemente – esperava eu – enquanto me sentia cada vez mais envergonhada e atrapalhada. Quando reuni coragem para olhar para ele, Grey observava-me, com uma mão pousada no colo, relaxada, e a outra no queixo, com o longo indicador sobre os lábios. Pareceu-me que tentava conter um sorriso.

– D-desculpe – gaguejei. – Não estou a habituada a isto.

– Leve o tempo que precisar, Miss Steele – disse ele.

– Importa-se que grave as suas respostas?

– Depois do trabalho que teve para preparar o gravador, pergunta-me agora?

Corei. Seria uma provocação? Esperava que sim. Olhei para ele e pestanejei, sem saber o que dizer, e pareceu-me que ele ficou com pena de mim porque condescendeu.

– Não, não me importo.
– A Kate, quer dizer, Miss Kavanagh, explicou-lhe para que era a entrevista?

– Sim, para figurar na edição do jornal académico da entrega dos diplomas, pois serei eu a entregá-los na cerimónia deste ano.

Ah! Para mim era novidade e incomodou-me momentaneamente o pensamento de que alguém não muito mais velho do que eu – OK, talvez uns seis anos, e OK, hiper bem-sucedido, mas, mesmo assim – me fosse entregar o meu diploma. Franzi as sobrancelhas, dirigindo a minha atenção desobediente para a tarefa que tinha entre mãos.

– Isso.

Engoli em seco com os nervos.

– Tenho aqui algumas perguntas, Mr. Grey.

Coloquei uma madeixa errante atrás da orelha.

– Foi o que assumi – disse ele, sem expressão.

Estava a fazer pouco de mim. Senti a cara a ficar quente e sentei-me melhor, endireitei os ombros na tentativa de parecer mais alta e mais intimidante. Carreguei no botão do gravador e tentei assumir um ar profissional.

– É muito jovem e, no entanto, já construiu um império enorme. A que deve o seu sucesso?

Olhei para cima, para ele. Fez um sorriso grave, mas pareceu ligeiramente desiludido.

– Fazer negócios é lidar com pessoas, e eu sou muito bom a avaliar pessoas. Sei o que as estimula, o que as faz florescer e o que não faz, o que as inspira e como as incentivar. Emprego uma equipa excepcional e recompenso-os bem.

Fez uma pausa e fixou-me com aquele olhar cor de cinza.

– É minha convicção que, para se ter sucesso em qualquer projeto, temos de ser capazes de dominar o assunto, conhecê-lo pelo direito e pelo avesso, todos os detalhes. Trabalho muito, mesmo muito, para o conseguir. Tomo decisões baseadas na lógica e nos factos. Tenho um instinto natural que me permite identificar e alimentar uma ideia boa, sólida, e pessoas boas. Porque a questão fundamental resume-se às pessoas.

– Talvez seja apenas uma questão de sorte.

Aquilo não estava na lista de Kate; mas ele era tão arrogante. Os olhos dele incendiaram-se momentaneamente de surpresa.

– Não me guio pela sorte nem pelo destino, Miss Steele. Quanto mais trabalho, mais a minha sorte parece aumentar. Na realidade, trata-se mesmo de ter as pessoas certas na equipa e de direcionar adequadamente as energias delas. Julgo que foi Harvey Firestone quem disse que “O crescimento e desenvolvimento das pessoas é a forma mais nobre de liderança”.

– Parece um maníaco do controlo.

As palavras saíram-me pela boca antes de eu conseguir detê-las.

– Oh, exerço controlo sobre todas as coisas, Miss Steele – respondeu, sem o mínimo vestígio de humor no sorriso.

Olhei para ele, e ele, impassível, não desviou o olhar do meu. A minha pulsação aumentou e senti-me novamente a corar.

Porque é que ele me deixava tão perturbada? Por ser lindo de morrer, talvez? Pelos olhos dele, ardentes? Pela forma como passava o indicador no lábio? Quem me dera que parasse de fazer aquilo.

– Além disso, adquire-se um poder imenso quando nas nossas divagações secretas nos convencemos de que nascemos para controlar as coisas – prosseguiu com uma voz suave.

– Sente que tem um poder imenso?

Maníaco do controlo.

– Emprego mais de quarenta mil pessoas, Miss Steele. Isso confere-me um certo sentido de responsabilidade; poder, se desejar. Se eu resolvesse decidir que já não estava interessado no negócio das telecomunicações, e vendesse, passado um mês ou pouco mais, vinte mil pessoas ver-se-iam em apuros para pagar o empréstimo das suas casas.

A minha boca abriu-se. Fiquei desconcertada com aquela falta de humildade.

– Não tem de responder perante nenhum conselho de administração? – perguntei, indignada.

– A companhia pertence-me. Não tenho de responder perante conselho nenhum.

Mostrou-me uma sobrelha erguida. Pois claro, era algo que eu saberia se tivesse pesquisado alguma coisa. Fogo, o homem era mesmo arrogante. Mudei de rumo.

– E tem algum interesse para além do seu trabalho?

– Tenho interesses variados, Miss Steele.

Passou-lhe a sombra de um sorriso pelos lábios.

– Muito variados.

E por qualquer razão, o seu olhar firme deixou-me confundida e com calor. Um brilho nos olhos dele denunciou algum pensamento malicioso.

– Mas se trabalha tanto, o que faz para descontraír?

– Descontraír?

Sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos. Parei de respirar. Ele era realmente bonito. Não devia ser permitido ser-se tão atraente.

– Bom, para “descontraír” como disse, ando de barco, voo, dedico-me a várias atividades físicas. – Mudou de posição. – Sou um homem muito rico, Miss Steele, e tenho *hobbies* caros e absorventes.

Com vontade de mudar de assunto, olhei rapidamente para as perguntas da Kate.

– Investe na indústria. Porquê, especificamente? – perguntei.

Porque é que ele me deixava tão desconfortável?

– Gosto de construir coisas. Gosto de saber como elas funcionam: o que as faz mexer, como construir e destruir. E tenho paixão por navios. O que posso dizer?

– Parece mais o seu coração a falar do que a lógica e os factos.

O canto da boca dele começou a subir e olhou para mim com um ar avaliador.

– Possivelmente. Embora haja pessoas que diriam que eu não tenho coração.

– Porque diriam isso?

– Porque me conhecem bem.

Os lábios delinearam um sorriso seco.

– Os seus amigos diriam que é uma pessoa fácil de conhecer?

Arrependi-me da pergunta assim que a disse. Não estava na lista da Kate.

– Sou uma pessoa muito reservada, Miss Steele. Esforço-me por proteger a minha privacidade. Não dou entrevistas com frequência...

– Porque aceitou dar esta?

– Porque sou mecenas da universidade e porque, para todos os efeitos, não conseguia tirar Miss Kavanagh de cima de mim. Ela fartou-se de importunar a minha equipa do departamento de relações públicas e eu admiro esse tipo de tenacidade.

Eu sabia que ela conseguia ser muito persistente. Era por isso que eu estava ali sentada a contorcer-me diante do olhar penetrante dele, quando devia estar a estudar para os meus exames.

– Também investe em tecnologias agrícolas. Porque se interessa por essa área?

– Não podemos comer dinheiro, Miss Steele, e há demasiadas pessoas neste planeta que não têm o que comer.

– Isso parece muito filantrópico. É algo que o apaixona? Alimentar os pobres do mundo?

Ele respondeu com um encolher de ombros evasivo.

– É puro negócio – murmurou, embora me parecesse que estava a ser pouco honesto.

Não fazia sentido; alimentar os pobres do mundo? Não via nenhum ganho financeiro naquilo, apenas o virtuosismo do ideal. Espreitei a pergunta seguinte, confusa com a atitude dele.

– Tem alguma filosofia? Se sim, qual é?

– Não tenho uma filosofia nesse sentido. Talvez um princípio orientador – de Carnegie: “O homem que obtém a capacidade de se apropriar da sua mente por completo, pode apropriar-se de tudo o resto que lhe seja justamente devido”. Sou uma pessoa muito singular, sou muito determinado. Gosto de ter controlo – sobre mim e sobre os que estão à minha volta.

– Então quer possuir coisas?

És um maniaco do controlo.

– Quero merecer possuí-las; mas sim, de facto, quero.

– Parece o consumidor supremo.

– E sou.

Sorrii, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Mais uma vez, não batia certo com alguém que queria alimentar o mundo, por isso não conseguia evitar pensar que estávamos a falar de alguma outra coisa, mas não tinha a mínima ideia do quê. Engoli em seco. A temperatura

do escritório estava a subir, ou talvez fosse apenas eu. Só queria que a entrevista acabasse. De certeza que a Kate já ficava com material que chegasse. Olhei para a pergunta seguinte.

– Foi adotado. Considera que isso influenciou muito a pessoa que é?

Oh, era muito pessoal. Fitei-o, esperando que não tivesse ficado ofendido. A testa dele enrugou-se.

– Não tenho forma de saber.

Despertou-me o interesse.

– Que idade tinha quando foi adotado?

– É uma questão do conhecimento público, Miss Steele.

O tom de voz era severo. *Raios*. Pois, claro – se eu soubesse que ia fazer a entrevista teria pesquisado alguma coisa. Atrapalhada, apressei-me a continuar.

– Sacrificou a família em prol do trabalho.

– Isso não é uma pergunta.

Foi seco.

– Desculpe.

Não sabia para onde me virar; fez-me sentir uma criança malcomportada. Fiz uma nova tentativa.

– Teve de sacrificar a família em prol do seu trabalho.

– Eu tenho família. Tenho um irmão e uma irmã e pais carinhosos. Não estou interessado em alargar a minha família para além disso.

– É *gay*, Mr. Grey?

Ele inspirou profundamente e eu encolhi-me, sem saber onde me enfiar. *Raios*. Porque não tinha preparado o caminho antes de desatar a ler aquilo? Não podia dizer-lhe que me limitava a ler as perguntas. Bolas para a Kate e a curiosidade dela.

– Não, Anastasia, não sou.

Franziu as sobrancelhas, um brilho frio nos olhos. Não parecia contente.

– Peço desculpa. Está, há... aqui escrito.

Era a primeira vez que ele dizia o meu nome. A minha pulsação acelerou e senti outra vez a cara a aquecer. Nervosa, pus o cabelo solto atrás da orelha.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– As perguntas não são suas?

Senti-me a gelar.

– Eh... não. A Kate, a Miss Kavanagh, compilou as perguntas.

– São colegas no jornal académico?

Oh, não. Eu não tinha nada a ver com o jornal académico. Era a atividade extra curricular dela, não a minha. Tinha a cara a arder.

– Não. Divide o apartamento comigo.

Ele passou a mão pelo queixo em silenciosa deliberação, avaliando-me com os olhos cor de cinza.

– Ofereceu-se para fazer esta entrevista? – perguntou-me, com uma voz assustadoramente calma.

Calma aí, quem é que entrevistava quem, afinal? Os olhos dele penetraram-me e só consegui responder-lhe com a verdade.

– Fui chamada. Ela não está bem.

A voz saiu-me débil e acanhada.

– O que explica muita coisa.

Ouviu-se bater à porta e entrou a Loira Número Dois.

– Mr. Grey, peço desculpa pela interrupção, mas a sua próxima reunião é daqui a dois minutos.

– Ainda não acabámos, Andrea. Por favor cancele a minha próxima reunião.

Andrea hesitou e ficou boquiaberta a olhar para ele. Parecia perdida. Ele virou lentamente a cabeça para olhar para ela e ergueu as sobrancelhas. Ela ficou toda corada. *Ah, bem. Não era só eu.*

– Muito bem, Mr. Grey – balbuciou e depois saiu.

Ele franziu o sobrolho e prestou-me outra vez atenção.

– Onde íamos, Miss Steele?

Oh, agora voltámos à Miss Steele.

– Por favor, não deixe que o atrase.

– Quero saber mais sobre si. Parece-me justo.

Os olhos dele cintilavam de curiosidade. *Que grande porcaria. O que é que ele queria com aquilo?* Apoiou os cotovelos nos braços da poltrona e fez um triângulo com as mãos. A boca dele chamava muito a atenção. Engoli em seco.

– Não há muito para saber.

– O que planeia fazer depois de terminar o curso?

Encolhi os ombros, confusa com a atenção dele. *Mudar-me para Seattle com a Kate, procurar trabalho.* Na realidade não tinha pensado em mais nada para lá dos exames finais.

– Não fiz planos nenhuns, Mr. Grey. Só preciso de passar nos meus exames finais. – Para os quais devia estar a estudar naquele preciso momento, em vez de estar sentada no seu escritório sumptuoso, pretensioso e estéril, exposta ao seu olhar penetrante e a sentir-me desconfortável.

– Temos um programa de estágios excelente – disse numa voz calma. Arqueei as sobrancelhas de surpresa. Estava a oferecer-me trabalho?

– Hum... Vou lembrar-me disso – murmurei, confusa. – Embora não tenha a certeza se me enquadraria muito bem aqui.

Oh, não! Estava outra vez a pensar alto.

– Porque disse isso? – Ele inclinou a cabeça para o lado, intrigado, com um sorriso a querer formar-se nos lábios.

– É óbvio, não é? Sou trapalhona, desleixada e não sou loira.

– Para mim não é.

O olhar dele era intenso, sem sombra de humor, e senti uns músculos estranhos no baixo-ventre a retesarem-se de repente. Salvei os meus olhos do escrutínio dele e olhei perdida para os meus dedos entrelaçados e tensos. *O que se passava?* Tinha de ir – imediatamente. Estiquei-me para a frente para agarrar no gravador.

– Quer que lhe mostre as instalações? – perguntou-me.

– De certeza que tem muito que fazer, Mr. Grey, e eu tenho uma longa viagem pela frente.

– Volta de carro para Vancouver? – Pareceu surpreendido, ansioso até. Olhou pela janela. Tinha começado a chover. – Bem, é melhor ir com cuidado. – Falou num tom severo, autoritário. Porque se importaria ele? – Tem tudo o que precisa? – perguntou ainda.

– Sim, senhor – respondi, enfiando o gravador na mochila. Ele semicerrou os olhos com um ar especulativo.

– Obrigada pela entrevista, Mr. Grey.

– O prazer foi todo meu – respondeu, educado como sempre.

Quando me levantei, ele pôs-se em pé e estendeu-me a mão.

– Até uma próxima, Miss Steele.

E aquilo pareceu um desafio, ou uma ameaça, não tenho a certeza de qual dos dois. Franzi a testa. Mas íamos voltar a encontrar-nos? Apertei-lhe mais uma vez a mão, perplexa por aquela estranha ligação se manifestar ainda entre nós. Deviam ser os meus nervos.

– Mr. Grey – saudei com um aceno de cabeça.

Ele alcançou a porta com uma graciosidade atlética e abriu-a completamente.

– Apenas para me certificar de que passa pela porta, Miss Steele.

Mostrou-me um pequeno sorriso. Referia-se obviamente à minha não tão elegante entrada no escritório. Corei.

– É muito atencioso da sua parte, Mr. Grey – devolvi, e o sorriso dele abriu-se.

Que bom que me achou divertida, resmunguei para dentro a caminho do *foyer*. Fiquei surpreendida quando ele saiu atrás de mim. Andrea e Olivia olharam ambas para cima, igualmente surpreendidas.

– Trouxe casaco? – perguntou Grey.

– Um blusão.

Olivia levantou-se de um salto e foi buscar-me o blusão, que Grey lhe tirou das mãos antes de ela conseguir entregar-mo. Ele segurou-o, e eu, muito acabrunhada, enfiei os braços. Deixou ficar as mãos por um momento nos meus ombros. O contacto deixou-me sem ar. Se ele reparou na minha reação, não deixou transparecer nada. Com o longo dedo indicador, carregou no botão para chamar o elevador e ficámos ali à espera – eu muito desconfortável, ele muito senhor de si. As portas abriram-se e eu apressei-me a entrar, desesperada por fugir dali. *Tinha mesmo de sair dali*. Quando me virei para olhar para ele, ele estava a olhar para mim, com uma mão apoiada ao lado da porta do elevador. Ele era mesmo muito, muito atraente. Era enervante.

– Anastasia – disse, a despedir-se.

– Christian – respondi. E por misericórdia as portas fecharam-se.

CAPÍTULO DOIS

Tinha o coração aos saltos. O elevador chegou ao primeiro andar e eu saí assim que as portas se abriram, tropeçando uma vez mais mas felizmente sem me estatelar no granito imaculado. Corri para as portas largas envidraçadas e senti-me livre no ar fresco, limpo e húmido de Seattle. Levantei a cara e recebi a chuva fria, refrescante. Fechei os olhos e inspirei profundamente, expurgando, tentando recuperar o que sobrava do meu equilíbrio.

Homem nenhum me afetara alguma vez como Christian Grey acabara de fazer e eu não conseguia descortinar porquê. Seria a beleza dele? Os modos? A riqueza? O poder? Não compreendia a minha reação irracional. Dei um enorme suspiro de alívio. Mas que raio tinha sido aquilo? Encostei-me a um dos pilares de aço do edifício, tentando corajosamente acalmar-me e pôr a cabeça em ordem. Abanei a cabeça. O que tinha sido aquilo? O meu coração regressou ao ritmo regular e quando consegui respirar normalmente fui para o carro.

Os limites da cidade ficaram para trás e eu revi mentalmente a entrevista, começando a sentir-me uma idiota envergonhada. De certeza que estava a ter uma reação desproporcionada a algo que era imaginário. OK, ele era muito atraente, confiante, autoritário, seguro de si – mas, por outro lado, era arrogante, e mesmo com as maneiras irrepreensíveis, autocrático e frio. Bem, à superfície. Senti um arrepio involuntário a descer-me pela espinha. Ele podia ser arrogante, mas também tinha direito de o ser – já conseguira tanto e ainda era tão novo. Não tinha pachorra para atuar inaptos, mas porque é que haveria de ter? Mais uma vez, fiquei irritada por Kate não me ter dado uma pequena biografia.

Enquanto conduzia calmamente o carro na direção da Interestadual 5, a minha mente continuava a divagar. Estava perfeitamente

desorientada quanto ao que levava uma pessoa a procurar ter sucesso na vida com tanta determinação. Algumas das respostas dele tinham sido tão crípticas – como se tivesse uma agenda oculta. E as perguntas da Kate – *ugh!* A adoção e perguntar-lhe se era *gay!* Senti um arrepio. Nem acreditava que tinha dito aquilo. *Chão, engole-me imediatamente!* Todas as vezes que voltasse a pensar naquela pergunta, estremeceria de vergonha. Maldita Katherine Kavanagh.

Olhei para o conta-quilómetros. Conduzi com mais cuidado do que teria em qualquer outra ocasião. E sabia que era pela memória daqueles olhos cinzentos penetrantes e pela voz severa a dizer-me para guiar com cuidado. Abanando a cabeça, percebi que Grey era mais como um homem com o dobro da idade.

Esquece, Ana, repreendi-me a mim própria. Decidi que, no final de contas, tinha sido uma experiência muito interessante, mas que não devia ficar agarrada a ela. Tinha de a pôr para trás das costas. Nunca mais o veria. O pensamento deixou-me logo alegre. Liguei o rádio e aumentei o volume, recostei-me no assento e, ao som da batida ritmada do rock independente, carreguei no acelerador. Ao chegar à Interestadual 5, percebi que podia acelerar à vontade.

Vivíamos numa pequena comunidade de apartamentos dúplex, próxima do campus de Vancouver da WSU. Eu tinha sorte – os pais da Kate tinham-lhe comprado a casa, e eu pagava uma ninharia pela renda. Há quatro anos que era o meu lar. Encostei o carro já a pensar que a Kate ia querer um relatório minucioso, e ela era persistente. Bem, pelo menos tinha o gravador digital. Esperava não ter de dar muito mais informação do que o que tinha sido dito durante a entrevista.

– Ana! Voltaste. – A Kate estava sentada na zona comum, rodeada de livros. A estudar para os exames, sem dúvida – ainda com o pijama de flanela cor-de-rosa decorado com uns coelhinhos engraçados, aquele que ela reservava para o rescaldo dos rompimentos amorosos, para doenças de todo o tipo, e para a disposição depressiva em geral. Saltou para cima de mim e abraçou-me com força.

– Estava a ficar preocupada. Contava que voltasses mais cedo.

– Oh, achei que tinha feito um bom tempo, considerando que a entrevista tinha durado mais do que o previsto. Acenei-lhe com o gravador digital.

– Ana, muito obrigada por me fazeres isto. Fico a dever-te uma, eu sei. Como foi? Como é que ele é?

Oh, não – lá íamos nós – Katherine Kavanagh, a Inquisidora. A pergunta deixou-me atarralhada. Ia dizer-lhe o quê?

– Ainda bem que terminou e que não tenho de voltar a vê-lo. É bastante intimidante, sabes? – disse com um encolher de ombros. – É muito determinado, intenso até... e novo. Muito novo.

Kate olhou para mim com um ar inocente. Eu franzi as sobrancelhas.

– Não ponhas essa cara inocente. Porque não me deste uma biografia? Ele fez-me sentir tão idiota por me faltar informação básica.

A Kate tapou logo a boca com a mão.

– Oh, Ana, desculpa, não pensei.

Eu bufei.

– Basicamente, foi cortês, formal, um bocadinho emproado, como se tivesse envelhecido antes do tempo. Não fala como um homem de vinte e qualquer coisa. Que idade tem ele, afinal?

– Vinte e sete. Oh, Ana, desculpa. Devia ter-te dado informação, mas estava tão aflita. Dá cá o gravador, que eu começo a transcrever a entrevista.

– Estás com melhor aspeto. Comeste a sopa? – perguntei, cheia de vontade de mudar de assunto.

– Sim, e estava deliciosa como de costume. Sinto-me muito melhor. Sorriu-me com gratidão. Olhei para o relógio.

– Tenho de ir. Ainda consigo fazer o meu turno no Clayton's.

– Ana, vais ficar exausta.

– Estou bem. Até logo.

Trabalhava no Clayton's desde que tinha entrado para a WSU. Era a maior loja independente de materiais de construção da zona de Portland, e nos quatro anos de trabalho fiquei a conhecer um pouco de quase tudo o que vendemos – embora, por ironia, seja uma nódoa em qualquer tipo de bricolagem. Deixo tudo para o meu *pai*.

Fiquei contente por conseguir fazer o meu turno pois dava-me algo em que me concentrar para além de Christian Grey. Havia muito movimento – estávamos no início do verão e as pessoas andavam a redecorar a casa. Mrs. Clayton pareceu aliviada por me ver.

– Ana! Achei que não ias conseguir vir hoje.

– O meu compromisso não demorou tanto como pensei. Posso fazer algumas horas.

– Fico muito contente por te ver.

Mandou-me para o armazém reabastecer as prateleiras e rapidamente fiquei absorta na tarefa.

Mais tarde, quando regresssei a casa, Katherine estava de auscultadores a trabalhar ao computador. Ainda tinha o nariz vermelho, mas estava agarrada a alguma história, por isso estava concentrada e a escrever furiosamente. Eu sentia-me completamente esgotada; a longa viagem deixara-me exausta, a entrevista fora extenuante e no Clayton's não me tinham deixado respirar. Atirei-me para cima do sofá, a pensar no trabalho que tinha de acabar e na matéria toda que não tinha estudado durante o dia porque tinha estado ocupada com... ele.

– Tens aqui bom material, Ana. Muito bem. Não acredito que não aceitaste a proposta dele para te mostrar as instalações. É óbvio que ele queria passar mais tempo contigo. – Lançou-me um olhar matreiro.

Corei, e o meu ritmo cardíaco aumentou inexplicavelmente. A razão não era aquela de certeza. Ele só queria mostrar-me a empresa para eu ver que ele era o senhor de tudo o que a vista alcançava. Notei que estava a morder o lábio e esperei que a Kate não reparasse. Mas ela parecia absorta na transcrição.

– Estou a ver o que queres dizer com formal. Tiraste notas? – perguntou.

– Há... não, não tirei.

– Não importa. Isto dá para eu escrever um bom artigo. Tenho pena de não termos algumas fotografias originais. É giro o filho da mãe, não é?

– Acho que sim. – Esforcei-me muito para parecer desinteressada, e pareceu-me que estava a conseguir.

– Oh, por favor, Ana, nem tu consegues ficar imune à pinta dele.
– Mostrou-me uma sobrelha perfeitamente arqueada.

Raios! Senti as bochechas a aquecer por isso distraí-a com lisonjas, o que era sempre um bom estratagema.

– Tu provavelmente terias sacado muito mais coisas dele.

– Duvido, Ana. Por favor, ele praticamente te ofereceu emprego. Tendo em conta que eu te impingí isto no último minuto, saíste-te muito bem.

Ela olhou-me com um ar inquiridor. Bati em retirada para a cozinha.

– Mas o que é que achaste dele, *a sério?*

Bolas, era curiosa. Porque é que não deixava o assunto em paz? Tinha de pensar nalguma coisa – rápido.

– É muito determinado, controlador, arrogante; assustador, mas muito carismático. Consigo compreender o fascínio – acrescentei por ser verdade, esperando que aquilo a calasse de uma vez por todas.

– Tu, fascinada por um homem? Essa é nova – exclamou.

Comecei a reunir os ingredientes para uma sanduíche para ela não me conseguir ver a cara.

– Porque querias saber se ele era *gay*? De resto, foi a pergunta mais embaraçosa. Fiquei sem saber onde me meter e ele ficou chateado por eu lhe perguntar.

Fiz uma careta ao lembrar-me daquilo.

– Sempre que aparece nas páginas sociais, nunca está acompanhado.

– Foi constrangedor. Foi tudo constrangedor. Fico aliviada por não ter de lhe pôr os olhos em cima mais vez nenhuma.

– Então, Ana, não pode ter sido assim tão mau. Eu acho que ele parece ter ficado impressionado contigo.

Impressionado comigo? Agora a Kate estava a ser ridícula.

– Queres uma sanduíche?

– Sim, por favor.

Não falámos mais de Christian Grey durante o serão, para grande alívio meu. Depois de comermos, estava em condições de me sentar à mesa de jantar com a Kate e, enquanto ela trabalhava no artigo, escrevi o meu trabalho sobre a *Tess dos Urbervilles*. Fogo! A mulher estava no sítio errado, à hora errada, no século errado. Quando ter-

minei, já era meia-noite e Kate há muito que tinha ido para a cama. Fui para o quarto, exausta, mas satisfeita por ter feito tanto numa segunda-feira.

Encolhi-me na minha cama de ferro branca, enrolei a manta da minha mãe à minha volta, fechei os olhos e adormeci imediatamente. Naquela noite sonhei com sítios escuros, flores brancas, frias e inertes, e olhos cinzentos.

Durante o resto da semana, entreguei-me aos meus estudos e ao meu trabalho no Clayton's. A Kate também estava ocupada, a preparar a última edição do jornal da universidade que faria antes de ter de o passar ao novo editor, e também a marrar para os exames finais. Na quarta-feira ela já estava muito melhor e eu já não tinha de suportar a visão do pijama de flanela cor-de-rosa com os coelhos excedentários. Liguei para a Geórgia, para a minha mãe, para saber como ela estava, mas também para ela me poder desejar boa sorte para os meus exames finais. Começou a falar-me da sua nova incursão pelo fabrico de velas – a minha mãe era louca por novas oportunidades de negócio. Basicamente, aborrecia-se e queria alguma coisa com que ocupar o tempo, mas tinha a capacidade de concentração de um peixinho dourado. Na semana seguinte seria qualquer coisa nova. Deixava-me preocupada. Esperei que não tivesse hipotecado a casa para financiar o último projeto. E esperei que o Bob – o marido, relativamente novo mas muito mais velho do que ela – estivesse de olho nela agora que eu já lá não estava. Parecia ter os pés bastante mais bem assentes na terra do que o Marido Número Três.

– E tu, como vão as coisas?

Por um momento, hesitei, e tive toda a atenção da minha mãe.

– Estou bem.

– Ana? Conheceste alguém?

Uau... como é que ela fez aquilo? A excitação na sua voz era palpável.

– Não, mãe, não é nada. És a primeira a saber se conhecer alguém.

– Ana, precisas de sair mais, querida. Deixas-me preocupada.

– Mãe, estou ótima. Como está o Bob? – Como sempre, a distração era a melhor política.

Mais tarde, liguei para o Ray, o meu padrasto, o Marido Número Dois da minha mãe e o homem que considero meu pai, o homem de quem tenho o nome. Foi uma conversa breve. Na verdade, não foi tanto uma conversa mas mais uma série de ruídos de um lado em resposta às minhas perguntas carinhosas. O Ray não era conversador. Mas ainda estava vivo, ainda via futebol na TV (ou então jogava *bowling*, e pescava à linha, ou então fazia mobília). O Ray era mestre carpinteiro e era por causa dele que eu sabia a diferença entre um esparavel e uma serra. Parecia estar tudo bem com ele.

Era sexta à noite e Kate e eu debatemos o que fazer – queríamos abstrair-nos dos estudos, do trabalho e de jornais académicos – quando tocou a campainha. À entrada, estava o meu bom amigo José com uma garrafa de champanhe na mão.

– José! Que maravilha ver-te aqui! – Abracei-o rapidamente. – Entra.

O José foi a primeira pessoa que eu conheci quando cheguei à WSU, e ele tinha um ar tão sozinho e perdido como eu. Naquele dia, vimos um no outro uma alma irmã, e desde então éramos amigos. Não só tínhamos o mesmo sentido de humor como descobrimos também que o Ray e o José Sênior tinham estado juntos na mesma unidade do exército. Como resultado, os nossos pais também se tinham tornado bons amigos.

O José estudava engenharia e era o primeiro da família a ter chegado à universidade. Ele era mesmo muito inteligente, mas a verdadeira paixão dele era a fotografia. O José tinha um excelente olho para boas fotografias.

– Tenho notícias – disse ele com um sorriso aberto e os olhos brilhantes.

– Não me digas: conseguiste que não te expulsassem durante mais uma semana – brinquei, e ele olhou-me com um ar ameaçador mas de gozo.

– A Portland Place Gallery vai expor as minhas fotos no próximo mês.

– Fantástico! Parabéns! – Contentíssima por ele, abracei-o outra vez. A Kate também lhe sorriu radiante.

– Assim é que é, José! Devia pôr a notícia no jornal. Nada como alterações editoriais de último minuto numa sexta-feira à noite – disse, fingindo aborrecimento.

– Vamos celebrar. Tens de ir à inauguração. – O José olhou para mim intensamente e eu corei. – Têm, as duas, claro – acrescentou, olhando nervosamente para Kate.

O José e eu éramos bons amigos, mas eu sabia que lá no fundo ele gostaria que houvesse algo mais. Ele era giro e engraçado, mas eu sabia que não era para mim. Era mais o irmão que eu nunca tinha tido. A Katherine chateava-me muitas vezes, que me faltava o gene do “preciso de um namorado”, mas a verdade é que simplesmente ainda não tinha encontrado alguém que... bem, por quem me sentisse atraída, embora uma parte de mim desejasse os famigerados joelhos a tremer, o coração na boca e as borboletas no estômago.

Às vezes perguntava-me se se passaria alguma coisa comigo. Talvez tivesse gastado demasiado tempo na companhia dos meus heróis românticos da literatura e, em consequência disso, os meus ideais e expetativas fossem descabidamente altos. Mas, a verdade, é que nunca ninguém me tinha feito sentir assim.

Até há muito pouco tempo, sussurrou a indesejada voz mansa e delicada do meu subconsciente. NÃO! Escorracei o pensamento imediatamente. Não estava para aquilo, não depois do descalabro daquela entrevista. *É gay, Mr. Grey?* Só de me lembrar ficava com calafrios. Sabia que tinha sonhado com ele a maioria das noites desde então, mas era apenas para expurgar a experiência dolorosa do meu sistema.

Olhei para o José a abrir a garrafa de champanhe. Era alto e todo ele era ombros e músculos com aqueles *jeans* e a *t-shirt*, pele bronzeada, cabelo negro e olhos escuros e intensos. Sim, o José tinha o seu quê, mas parecia-me que ele começava a compreender a mensagem: éramos só amigos. A rolha fez o seu som característico e o José levantou a cabeça e sorriu.

No sábado, a loja estava um pesadelo. Éramos assediados por “bricoladores” a quererem dar um novo visual às casas. Eu, o Mr. e a Mrs. Clayton, assim como o John e o Patrick, – os outros dois colegas que estavam a tempo parcial – éramos cercados pelos clientes. Mas houve alguma acalmia por volta da hora de almoço e a Mrs. Clayton pediu-me

para verificar umas encomendas enquanto estava na caixa registadora, sentada atrás do balcão, a comer discretamente o meu *bagel*. Estava envolvida na tarefa, a verificar os números de catálogo dos itens de que precisávamos e os que tínhamos encomendado, passando rapidamente os olhos do livro de encomendas para o ecrã do computador e outra vez para o livro, certificando-me de que as entradas conferiam. Foi então que, por qualquer razão, olhei para cima... e vi que era o alvo dos olhos cinzentos e arrojados de Christian Grey, que estava ao balcão, a olhar para mim.

Falência cardíaca.

– Miss Steele. Que surpresa tão agradável. – O olhar dele era resolutivo e intenso.

Bolas. Que raio é que ele estava a fazer ali, com aquele ar de feriado, cabelo desgrenhado, camisola de malha grossa, *jeans* e botas de caminhar? Pareceu-me que a minha boca se escancarou, e não conseguia localizar nem o meu cérebro, nem a minha voz.

– Mr. Grey – sussurrei, porque não consegui fazer mais nada.

Os lábios dele pareciam querer sorrir e os olhos tinham um brilho divertido, como se se risse de algo que só ele sabia.

– Estava nesta zona – disse, como que a explicar-se. – Preciso de me abastecer de algumas coisas. É um prazer voltar a vê-la, Miss Steele.

A voz dele era quente e sedutora como brigadeiro de caramelo derretido... ou qualquer coisa assim.

Abanei a cabeça para a pôr a funcionar. O meu coração batia a um ritmo frenético e por qualquer razão corei furiosamente ao sentir-me completamente examinada por ele. Fiquei totalmente rendida à visão dele, ali à minha frente. As minhas memórias não lhe faziam justiça. Ele não era só atraente – era o suprassumo da beleza masculina, deslumbrante, e estava aqui. Aqui, na loja de materiais de construção. Ia-se lá saber. Finalmente, as minhas funções cognitivas foram recuperadas e religadas ao resto do corpo.

– Ana, o meu nome é Ana – balbuciei. – Em que posso ajudá-lo, Mr. Grey?

Ele sorriu, e mais uma vez parecia ter o conhecimento privilegiado de algum grande segredo. Era tão desconcertante. Respirei fundo e

assumi a minha postura mais profissional, de quem trabalhava na loja há anos. *Eu consigo.*

– Há alguns itens de que preciso. Para começar, gostaria de levar algumas braçadeiras para cabos – murmurou, com uma expressão descontraída e divertida ao mesmo tempo.

Braçadeiras para cabos?

– Temos vários comprimentos. Quer que lhe mostre? – perguntei baixinho, com a voz suave a vacilante. *Controla-te Anastasia.*

Um ligeiro franzir de testa maculou o seu semblante adorável.

– Por favor. Pode avançar, Miss Steele – respondeu-me.

Tentei aparentar descontração ao sair de trás do balcão, mas na verdade estava completamente concentrada em tentar não tropeçar nos meus próprios pés – de repente as minhas pernas ficaram com consistência de gelatina. Congratulei-me por ter decidido vestir os meus melhores *jeans* naquela manhã.

– Estão junto aos materiais elétricos, corredor oito. – A minha voz estava um bocadinho animada demais. Olhei para ele e arrependi-me quase imediatamente. Bolas, ele era tão giro.

– A menina primeiro – murmurou ele, esticando os dedos longos e bem arranjados.

Com o coração quase a estrangular-me – porque estava na garganta a tentar fugir pela boca – descí um dos corredores até à secção elétrica. *Porque é que ele estava em Portland? Porque tinha ido à Clayton's?* E, de um lugar minúsculo, raramente solicitado, do meu cérebro – provavelmente situado na base do meu mielencéfalo, perto da localização do meu subconsciente – veio-me o pensamento: *Estava ali para te ver.* Que ideia! Pu-la logo de parte. Porque queria aquele homem lindo, poderoso e seguro de si ver-me? A ideia era um autêntico disparate e eu escorracei-a da cabeça.

– Está em Portland em negócios? – perguntei, e a minha voz saiu alta demais, como se eu tivesse entalado o dedo numa porta ou alguma coisa assim.

Bolas Ana! Tenta descontrair-te!

– Vim visitar o polo agrícola da WSU. Fica localizado em Vancouver. Atualmente estou lá a fundar um projeto de pesquisa no âmbito da

rotação de culturas e da pedologia – esclareceu, muito objetivamente.

Vês? *Não foi nada para te ver*, desdenhou o meu subconsciente, com grande alarido. Corei por causa dos meus pensamentos ridículos e caprichosos.

– Faz tudo parte do plano para alimentar o mundo inteiro? – brinquei.

– Qualquer coisa assim – concedeu, e os lábios curvaram-se num meio-sorriso

Olhou para a seleção de braçadeiras de cabos que tínhamos no Clayton's. O que será que ele ia fazer com aquilo? Não tinha pinta nenhuma de entusiasta por bricolagem. Os seus dedos percorreram as várias embalagens disponíveis e, por alguma razão inexplicável, vi-me obrigada a desviar o olhar. Ele inclinou-se e escolheu.

– Estes servem – disse, com aquele sorriso “sou todo segredos”.

– Mais alguma coisa?

– Queria fita adesiva.

Fita adesiva?

– Está a fazer obras?

As palavras saíram antes de eu conseguir impedi-las. Seguramente que contratou alguém ou que tinha empregados para o ajudarem.

– Não, obras não – disse logo de seguida, e depois pôs um ar divertido e eu fiquei com a estranha sensação de que ele se ria de mim.

Sou assim tão cómica? Tenho um ar engraçado?

– Por aqui – murmurei, envergonhada. – A fita adesiva está no corredor da decoração.

Olhei para trás para ver se ele vinha atrás de mim.

– Trabalha aqui há muito tempo? – A voz dele era grave e olhou para mim com um ar muito concentrado. Eu corei ligeiramente. Por que raio é que ele tinha aquele efeito em mim? Parecia que tinha catorze anos – aselha, como sempre, e constrangida. *Levanta a cabeça, Anastasia.*

– Há quatro anos – balbuciei ao chegarmos ao nosso destino. – Para me abstrair, estendi a mão e peguei nas duas larguras de fita adesiva que tínhamos.

– Levo essa – disse ele suavemente, apontando para a fita mais larga, que lhe passei então.

Os nossos dedos tocaram-se muito levemente e surgiu de novo a corrente, que se descarregou dentro de mim como se eu tivesse tocado num fio exposto. Fiquei praticamente sem ar ao senti-la percorrer-me até ao baixo-ventre, até algum sítio escuro e inexplorado no fundo do meu ventre. Desesperada, tentei manter o equilíbrio.

– Mais alguma coisa?

A voz saiu-me rouca e ofegante. Os olhos dele ficaram ligeiramente maiores.

– Um bocado de corda, julgo eu. – A voz dele refletiu a minha, rouca.

– Por aqui. – Baixei a cabeça, para esconder o rubor crescente, e dirigi-me para a secção adequada. – De que tipo procurava? Temos cordas de fibras sintéticas e naturais... barbante... cabo...

Parei ao ver a expressão dele, os olhos a ficarem mais escuros. *Eh, lá!*

– Levo cinco metros da corda de fibras naturais, por favor.

Rapidamente, com os dedos a tremer, medi cinco metros com a régua fixa, consciente de que aquele olhar quente estava em cima de mim. Não me atrevi a olhar para ele. Credo, será que conseguia ficar mais constrangida do que já estava? Tirei o meu x-ato do bolso de trás, cortei a corda, enrolei-a direitinha e depois ateia com um nó corredio. Por milagre, consegui não amputar um dedo com a lâmina.

– Foi escoteira? – perguntou, com um trejeito divertido nos lábios sensuais e cinzelados. *Não olhes para a boca dele!*

– As atividades de grupo organizadas não são a minha onda, Mr. Grey.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– E o que é a sua onda, Anastasia? – perguntou com voz suave, o sorriso secreto de novo nos lábios.

Fiquei a olhar para ele, sem conseguir exprimir-me. Senti-me entre placas tectónicas. *Tenta manter a calma, Ana*, implorava-me de joelhos o meu subconsciente atormentado.

– Livros – disse num sussurro, mas lá dentro o meu subconsciente gritava *Tu! Tu é que és a minha onda!* Afastei imediatamente a ideia, envergonhadíssima por a minha psique se lançar em voos tão altos.

– Que tipo de livros? – perguntou, inclinando a cabeça de lado.

Porque é que ele estava tão interessado?

– Ah, sabe como é, o costume. Os clássicos. Literatura inglesa principalmente.

Ele começou a coçar o queixo com o longo indicador e o polegar, matutando na minha resposta. Ou talvez estivesse apenas muito aborrecido e tentasse escondê-lo.

– Há mais alguma coisa de que precise?

Tinha de me desembaraçar daquele assunto, aqueles dedos naquele rosto tornavam-se demasiado chamativos.

– Não sei. Que mais recomendaria?

O que eu recomendaria? Eu nem sequer sabia o que ele andava a fazer.

– Para fazer bricolagem?

Ele acenou que sim com a cabeça, os olhos brilhantes de malícia. Eu corei e o meu olhar divergiu para os *jeans* justos.

– Um macacão – respondi, e soube que já não controlava o que me saía pela boca.

Ele arqueou uma sobrancelha, divertido ainda.

– Não vai querer estragar a roupa – respondi, indicando as calças de ganga dele com um gesto rápido.

– Posso sempre tirá-la – disse com um sorriso de través.

– Pois. – Senti mais uma vez o rosto a ficar quente. Devia estar da cor do Manifesto Comunista. *Para de falar. Para de falar, AGORA.*

– Levo o tal macacão. Nem pensar em estragar a roupa – disse secamente.

Tentei afastar a imagem dele sem calças que entretanto se intrometeu.

– Deseja mais alguma coisa? – perguntei num gemido, entregando-lhe o macacão azul.

Ele ignorou a minha pergunta.

– Como está a correr o artigo?

Finalmente fazia-me uma pergunta fácil e saíamos da confusão das insinuações e dos segundos sentidos... Uma pergunta à qual conseguia responder. Agarrei-me a ela com as duas mãos como se fosse um salva-vidas e optei pela honestidade.

– Não sou eu que está a escrevê-lo, é a Kate. A Miss Kavanagh. Que vive comigo; é ela. Está muito contente com o artigo. É editora do jornal e ficou destroçada por não poder fazer ela mesma a entrevista.

Senti que podia voltar a respirar; por enfim um tópico normal de conversa.

– A única preocupação dela é não ter fotografias suas originais.

– Que tipo de fotografia é que ela quer?

OK. Não tinha imaginado uma resposta daquelas. Abanei a cabeça, porque simplesmente não sabia.

– Bom, eu estou por aqui. Amanhã, talvez...

– Estaria disponível para uma sessão fotográfica? – A minha voz voltou a sair em guincho. A Kate ia ficar no sétimo céu se eu conseguisse aquilo. *E podes voltar a vê-lo amanhã*, sussurrou-me, sedutor, aquele sítio sombrio no fundo do meu cérebro. Eu afastei o pensamento – de todas as patéticas...

– A Kate ficaria encantada, se conseguirmos encontrar um fotógrafo. – Senti-me tão contente que fiz um grande sorriso. Os lábios dele afastaram-se, como se inspirasse profundamente e pestanejou. Por uma fração de segundo, pareceu algo perdido, e a terra oscilou ligeiramente no seu eixo e as placas tectónicas assumiram uma nova posição.

Meu Deus. O olhar perdido de Christian Grey.

– Diga-me alguma coisa sobre amanhã. – Foi ao bolso de trás e tirou a carteira. – O meu cartão. Tem o meu telemóvel. Tem de ligar antes das dez da manhã.

– OK – confirmei com um grande sorriso.

A Kate ia ficar excitadíssima.

– *Ana!*

O Paul materializou-se na outra ponta do corredor. Era o irmão mais novo de Mr. Clayton. Tinha ouvido dizer que ele regressara de Princeton, mas não estava a contar vê-lo naquele dia.

– Há... dê-me licença por um instante Mr. Grey.

Ele fez uma expressão descontente ao ver-me afastar.

O Paul sempre fora um amigalhaço, e naquele estranho momento que eu estava a ter com o rico, poderoso, fantasticamente atraente e maníaco do controlo Christian Grey, foi ótimo falar com alguém normal. O Paul deu-me um valente abraço, o que me apanhou de surpresa.

– Ana, olá, é tão bom ver-te! – cumprimentou-me efusivamente.

– Olá Paul, como estás? Vieste para o aniversário do teu irmão?
– perguntei.

– Sim. Estás com bom aspeto, Ana, muito bom aspeto.

Ele sorriu e afastou-me para me examinar. Depois tirou a mão mas colocou-me um braço possessivo sobre os ombros. Eu fiquei a saltitar entre um pé e outro, constrangida. Estava a gostar de ver o Paul, mas ele sempre tinha sido de familiaridades excessivas.

Quando olhei para Christian Grey, ele observava-nos como um falcão, com os olhos semicerrados e perscrutadores, a boca uma linha dura e impassível. De cliente estranhamente atencioso, transformara-se noutra pessoa – alguém frio e distante.

– Paul, estou com um cliente. Alguém que tens de conhecer – disse, na tentativa de aliviar o antagonismo que via na expressão de Grey. Arrastei o Paul para o pé dele e os dois mediram-se mutuamente. A atmosfera tornou-se subitamente gélida.

– Há... Paul, este é Christian Grey. Mr. Grey, este é Paul Clayton. O irmão é o dono da loja. – Por qualquer razão irracional, senti que tinha de dar mais explicações. – Conheço o Paul desde que comecei a trabalhar aqui, apesar de não nos vermos com grande frequência. Ele chegou de Princeton, onde estuda administração de empresas.

Estava a atropelar-me... *Para imediatamente!*

– Mr. Clayton – cumprimentou Grey estendendo-lhe a mão, com um olhar indecifrável.

– Mr. Grey – cumprimentou Paul, correspondendo ao aperto de mão.

– Espere aí... não é o Christian Grey? Da Grey Enterprises Holdings?

O Paul passou de carrancudo a reverente em menos de um nanossegundo. Grey dirigiu-lhe um sorriso educado que não lhe chegou aos olhos.

– Uau! Há alguma coisa que possa fazer por si?

– A Anastasia já tratou de tudo, Mr. Clayton. Tem sido muito atenciosa. – A expressão dele era impassível, mas as palavras... Era como se dissesse algo completamente diferente. Foi desconcertante.

– Fixe – respondeu Paul. – Vemo-nos mais logo, Ana.

– Sim, Paul – anuí, vendo-o desaparecer em direção ao armazém.

– Mais alguma coisa, Mr. Grey?

– Só estes artigos. – disse com uma voz articulada e calma.

Raios... Será que o tinha ofendido? Respirei fundo e dei meia volta, dirigindo-me para a caixa registadora. *Qual era o problema dele?*

Registei a corda, o macacão, a fita adesiva e as braçadeiras de cabos.

– São quarenta e três dólares, por favor. – Olhei para ele e desejei não o ter feito. Observava-me muito atentamente, muito intensamente. Era enervante.

– Quer um saco? – perguntei, pegando no cartão de crédito dele.

– Por favor, Anastasia. – A língua dele disse o meu nome como uma carícia e o meu coração ficou novamente num frenesim. Eu mal conseguia respirar. Pus-lhe as compras num saco à pressa.

– Telefona-me se quiser que faça a sessão fotográfica? – Voltava a ser todo negócios. Eu acenei que sim, mais uma vez incapaz de falar, e entreguei-lhe o cartão de crédito.

– Bom, até amanhã, talvez. – Fez menção de sair e depois parou.

– Ah, Anastasia, fico contente por a Miss Kavanagh não ter podido fazer a entrevista.

Sorriu e encaminhou-se para a saída com passos enérgicos, atirando o saco plástico por cima do ombro e deixando-me numa pilha de hormonas femininas em fúria. Fiquei vários minutos a olhar para a porta fechada pela qual ele acabara de sair antes de regressar ao planeta terra.

OK – *gostava dele*. Pronto, admitira-o para mim própria. Não podia continuar a esconder-me dos meus sentimentos. Nunca me tinha sentido assim. Achava-o muito, muito atraente. Mas era uma causa perdida, sabia-o, por isso suspirei com uma mágoa agriçoce. Tinha sido só coincidência, ele ir lá. Ainda assim, podia admirá-lo de longe, certamente. Não havia mal nenhum nisso. E se encontrasse um fotógrafo, no dia seguinte podia passar um bom tempo a admirá-lo. Mordi o lábio de expectativa e dei por mim a sorrir como uma rapariguinha. Precisava de telefonar à Kate e de organizar uma sessão fotográfica.